



O TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE

Anteriormente, vimos como os “três pilares sociológicos” (Marx, Weber e Durkheim) entendem o trabalho e o seu papel na sociedade. Muito do que se escreve e se pensa até hoje está baseado nas ideias desses autores clássicos!

E o que vamos aprender hoje? Nesta aula, vamos tratar do trabalho na contemporaneidade. Muita coisa mudou desde que esses pensadores escreveram, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento tecnológico. Pensa em quanta coisa aconteceu e como a tecnologia avançou durante o século XX e mesmo agora, no início de século XXI! Criamos o avião, o computador, a internet, o celular e tantas outras coisas! Além disso, vivemos as guerras mundiais, a Guerra Fria e, desde o final do século XX, a globalização.

Como será que o trabalho atravessou isso tudo? Será que trabalhamos nos dias de hoje da mesma forma que há cem anos atrás?! Buscaremos refletir sobre esse tema a partir de uma perspectiva histórica. Vamos lá?

TAYLORISMO, FORDISMO E TOYOTISMO

A Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, representou um grande salto tecnológico. Com ela, se dá a introdução da maquinaria e o aumento sem precedentes da produtividade. O trabalhador perde o controle sobre a sua produção e quem dita o ritmo é a máquina.

O surgimento desses equipamentos veio justamente para acelerar o fluxo do que era produzido e, dessa forma, o lucro. Ocorre que, de tempos em tempos, alguns ciclos produtivos deixam de gerar tanto lucro e, a partir daí, são impulsionadas novas mudanças. Nesse processo, um modelo de produção é substituído por outro mais lucrativo.

Como esclarecem Igor José de Renó Machado e outros autores, no livro Sociologia Hoje, no século XX, foram dois os grandes momentos de reestruturação da produção: o estabelecimento do modelo taylorista/fordista e a implementação modelo ohnista/toyotista.

Apesar das máquinas, a indústria automobilística, ainda era muito dependente da habilidade da mão de obra durante o século XIX. Vários processos eram artesanais. As fábricas de veículos dependiam de trabalhadores que conhecessem princípios de mecânica e os materiais com que trabalhavam de forma detalhada.



Com o taylorismo e o fordismo, isso mudou. O indivíduo, que antes se diferenciava pelo domínio de técnicas requintadas, restringe-se cada vez mais a um mero operador de máquina, sendo facilmente substituído, o que faz com que ele perca poder político.

Ambos surgem entre o fim do século XIX e o início do XX. Desenvolvido pelo engenheiro Frederick Winslow Taylor, o taylorismo constitui um método de administração do trabalho. Sua grande preocupação era o aumento da produtividade. Taylor percebeu que, ao implantar certas medidas, como divisão e hierarquização de tarefas, padronização de métodos e controle rígido do tempo, entre outros, a produção dos operários da indústria aumentava.

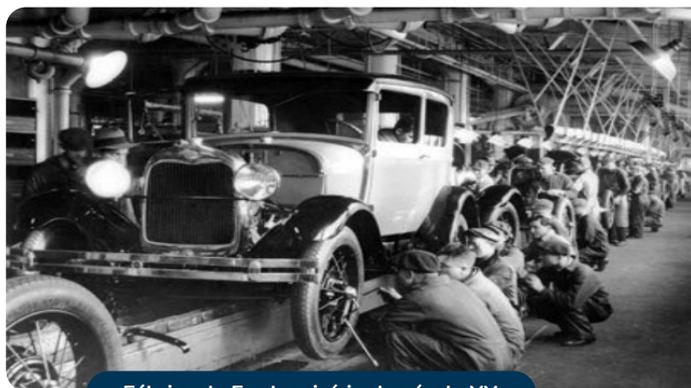
Pode-se dizer que o taylorismo foi a primeira experiência de padronização do funcionamento das organizações industriais.

“O taylorismo é um tipo de organização gerencial, o que hoje se pode chamar de método de administração do trabalho. Desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915) e condensado em seu livro *Princípios de organização científica* (1911), pode ser sintetizado como um método de tempos e movimentos cujo princípio geral era retirar o controle da produção das mãos dos operários para com isso aumentar a produtividade do trabalho. Taylor notou que os trabalhadores levavam muito tempo para executar suas tarefas. Para acelerar a produção, desenvolveu um processo de classificação e sistematização, dividindo o trabalho de um artesão em várias etapas simples, que podiam ser desempenhadas por operários recém-qualificados. Assim, aumentou a produtividade do trabalho e conseguiu controlar os trabalhadores.”

Fonte: Machado, Igor José de Renó; Amorim, Henrique; Barros, Celso Rocha de. *Sociologia Hoje*. São Paulo: Editora Ática, 2016, p. 141.

O **fordismo** surge com as ideias de Henry Ford (1863-1947) na mesma época que o taylorismo, também nos Estados Unidos. Ambos foram implementados inicialmente nas fábricas de automóveis norte-americanas e, depois, nos países europeus, passando a ser usados também em outros tipos de indústria.

Ford incorporou as ideias de Taylor em suas fábricas e adicionou outros recursos, como o uso da esteira mecânica e o estabelecimento de metas de produção para os trabalhadores, que, quando superadas, levavam a bônus salariais. Ford também procurava controlar o comportamento de seus funcionários fora da indústria, exigindo, por exemplo, que eles não exagerassem no consumo de bebidas alcoólicas.



Fábrica da Ford no início do século XX



Modelo fordista de produção com esteiras.



O fordismo é “um princípio geral de organização da produção (compreendendo paradigma tecnológico, forma de organização do trabalho e estilo de gestão). Neste plano, podem ser destacados os seguintes traços característicos ou princípios constitutivos do paradigma fordista: a) racionalização taylorista do trabalho: profunda divisão — tanto horizontal (parcelamento das tarefas) quanto vertical (separação entre concepção e execução) — e especialização do trabalho; b) desenvolvimento da mecanização através de equipamentos altamente especializados; c) produção em massa de bens padronizados; d) a norma fordista de salários: salários relativamente elevados e crescentes — incorporando ganhos de produtividade — para compensar o tipo de processo de trabalho predominante.”

Fonte: Ferreira et al., 1991 apud TENORIO, Fernando G.. A unidade dos contrários: fordismo e pós-fordismo. Rev. Adm. Pública, Rio de Janeiro, v. 45, n. 4, p. 1141-1172, Aug. 2011

Com o desenvolvimento das formas de produção ao longo do século XX, novos métodos de administração do trabalho surgiram. Um, em especial, ganhou destaque: o **toyotismo**, também chamado de **ohnismo**. Este se desenvolveu nos anos 1960, no Japão.

Com a crise do petróleo de 1973, ocorrida por causa de um acordo entre países produtores de petróleo, houve o aumento da crise de superprodução. Esse modelo ganhou força e se espalhou pelo restante do mundo, sendo adotado por diferentes tipos de indústria.

O que mudou com o novo modelo toyotista? Seguem algumas das transformações:

- ▶ Houve a intensificação do uso de novas tecnologias ligadas aos uso da robótica na linha de montagem.
- ▶ A produção em massa do modelo fordista deu lugar a uma produção focada na demanda (procura) por um determinado produto.
- ▶ O trabalho em equipe passa a ser mais valorizado e não o trabalho individual, como acontecia no fordismo.
- ▶ Ao contrário do fordismo, no toyotismo o operário deve estar preparado para assumir diversas funções.
- ▶ Com o toyotismo, há a ideia de que o trabalhador deve ser convencido a “vestir a camisa da empresa” e se sentir parte dela.



GLOBALIZAÇÃO, FLEXIBILIZAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO E SINDICALISMO

A **globalização** que se seguiu ao fim da Guerra Fria trouxe profundas transformações mundiais. Se, de um lado, temos autores que argumentam os benefícios da globalização, por outro, não faltam vozes a criticá-la. Pensadores como Milton Santos defendem a ideia de que a globalização aumenta a desigualdade social.

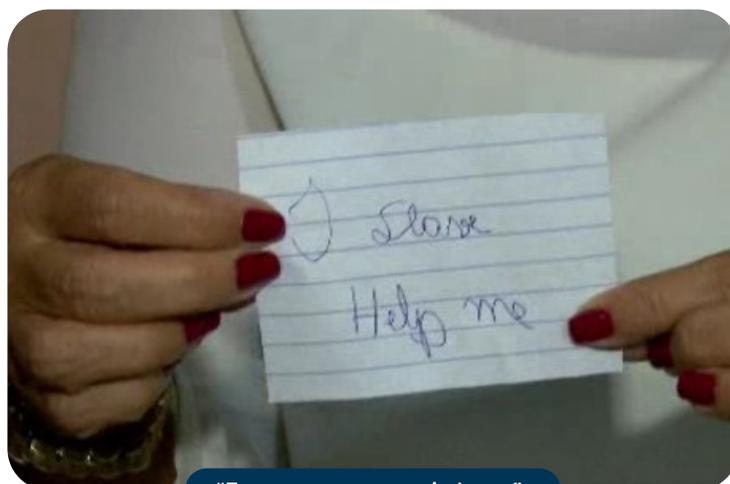
O que devemos entender é que a globalização consiste em um conjunto de processos. Nas palavras do estudioso português Boaventura de Sousa Santos, a globalização é “um fenômeno multifacetado com dimensões econômicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo”.



Isso quer dizer que os efeitos desse fenômeno podem ser sentidos nas mais variadas áreas e temas: nos nossos hábitos de consumo, no processo eleitoral de diferentes países, na intensificação do comércio mundial, no desenvolvimento tecnológico e, claro, na forma como trabalhamos.

A globalização e os patamares tecnológicos alcançados possibilitaram distribuir a cadeia produtiva. Dessa forma, uma empresa estadunidense, por exemplo, pode importar matéria-prima de um país como o Brasil e realizar boa parte da sua produção industrial (ou mesmo toda ela) em um terceiro país, como a China.

A multiplicação desse modelo de produção resultou em importantes desafios para o mundo do trabalho. Em geral, os trabalhadores de países periféricos, como os latino-americanos e asiáticos, ganham muito menos que a mão-de-obra estadunidense e europeia. Esse processo reforça as desigualdades entre os países e ainda estimula o trabalho escravo e compulsório. De tempos em tempos, surge algum escândalo de uma loja de roupas ocidental que viola os direitos humanos em seu processo produtivo. Também já foram encontrados diversos bilhetes como os da foto abaixo em roupas vendidas por marcas conhecidas.



“Eu sou um escravo, ajude-me”.



“Trabalho e emprego foram transformados. (...) Em geral, e de acordo com a experiência histórica de revoluções tecnológicas anteriores, a mudança tecnológica não destruiu o emprego como um todo, pois algumas ocupações foram gradualmente sendo retiradas e outras foram induzidas em maior número. Em termos gerais, no perfil ocupacional da força de trabalho, houve um aumento das habilidades e do nível educacional exigidos. Por outro lado, globalizando o processo de produção de bens e serviços, milhares de empregos, especialmente na indústria, foram eliminados nas economias avançadas devido à automação ou ao deslocamento da produção para países recém-industrializados. Conseqüentemente, centenas de milhares de empregos na indústria foram criados naqueles países, de forma que, levando em consideração todos os aspectos, há mais empregos na indústria do que nunca no mundo como um todo. No entanto, essa criação de empregos e o aumento do nível educacional da mão-de-obra não resultaram em uma grande melhoria dos padrões de vida no mundo industrializado.”

Fonte: CASTELLS, Manuel. Sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Além disso, a globalização incentivou a flexibilização das leis trabalhistas. É importante voltar um pouco na História e ressaltar que a luta pelos direitos trabalhistas foi um longo e duro processo. Como vimos, depois da Revolução Industrial a vida do trabalhador se tornou muito precária: longas jornadas de trabalho, inexistência de férias, trabalho infantil, condições insalubres etc.

O surgimento do **movimento sindical** foi de grande relevância para reverter esse quadro. Não à toa, as origens do sindicalismo estão justamente na Inglaterra do século XIX. Diante da total precariedade das condições de trabalho, os trabalhadores começaram a formar associações operárias. Em pouco tempo, esse movimento alcançou o restante da Europa.

Tal articulação entre os trabalhadores e a pressão exercida pelos movimentos foram decisivas para que houvesse a ruptura do paradigma do “laissez-faire, laissez-passer” (deixe fazer, deixe passar) imposto pelos ideais do liberalismo econômico. A total liberdade econômica da “mão invisível” do mercado foi substituída pelo nascimento da ideia de Estado de Bem-Estar Social.

Na prática, isso queria dizer que esses países continuavam sendo capitalistas, mas que o Estado deveria agir para garantir maior igualdade social e uma vida mais digna para a população. Entre os direitos mínimos a serem assegurados estavam os direitos trabalhistas: a garantia de recebimento de salário-mínimo, piso salarial, o direito de greve e de sindicalização, o direito a férias e a limitação da jornada diária de trabalho.

Nesse sentido, no mundo de hoje, o retorno a uma perspectiva extremamente liberal trazida pela globalização – que alguns autores e políticos chamaram de Neoliberalismo – vem ameaçando os direitos trabalhistas consagrados.

Geralmente, o discurso é de que essa legislação trabalhista está obsoleta por ter sido aprovada há muitas décadas. No entanto, vale lembrar que em muitos países, incluindo o Brasil, os direitos trabalhistas foram consagrados pela Constituição como um direito fundamental, o que quer dizer que este é um direito essencial para a manutenção da dignidade do ser humano.



O fato é que a **flexibilização das leis trabalhistas** tem gerado questionamentos. Entre os problemas apontados está a possibilidade de que acordos e convenções coletivas de trabalho possam se sobrepor às leis trabalhistas. O temor é de que esse recurso seja utilizado para forçar o trabalhador a abrir mão de um direito que lhe é garantido por lei, já que depende do emprego e não tem como se opor ao empregador.

Uma outra questão importante diz respeito aos empregados terceirizados. Na maioria dos casos, esses trabalhadores recebem um salário menor do que aquele que é pago ao empregado efetivo da empresa para desempenhar a mesma função. Isso cria uma desigualdade entre os trabalhadores e compromete o ambiente de trabalho, além de violar leis trabalhistas.

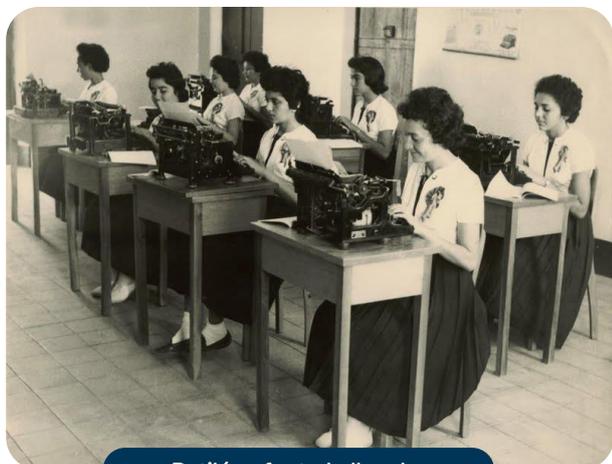
Diante desse cenário de novos desafios impostos pela globalização e pela flexibilização das normas trabalhistas, os movimentos sindicais seguem sendo importantes na contemporaneidade. Seu papel é garantir o cumprimento das leis trabalhistas. Não obstante, mesmo os sindicatos enfrentam desafios, como a queda da taxa de sindicalização, já que, em alguns setores, os trabalhadores estariam se filiando menos aos seus respectivos sindicatos.



TECNOLOGIA E TRABALHO

Nesse mundo em constante transformação, a tecnologia desempenha um papel fundamental. Cada salto tecnológico leva à consolidação de novas formas de trabalho, ao surgimento de algumas profissões e à extinção de outras. Isso tudo tem um enorme efeito na vida social.

Hoje muitos taxistas reclamam dos motoristas de uber, mas, na verdade, este é apenas mais um exemplo histórico do impacto de novas tecnologias no mundo do trabalho. No início do século XXI, a popularização do computador e o seu uso em diversas empresas levou ao sumiço de uma profissão até então bem estabelecida, a dos datilógrafos. Você é desse tempo? O datilógrafo era aquele que escrevia à máquina, geralmente com rapidez,



Datilógrafas trabalhando.

sem precisar olhar muito para as teclas. Até o início dos anos 1990, existiam vários cursos para aprender datilografia no Brasil!

Então dá para perceber que o mercado de trabalho não é estático. A tecnologia aparece como um dos principais fatores (senão o principal) a ditar essas mudanças. Tanto no exemplo dos taxistas, quanto no dos datilógrafos, o abalo dessas profissões só foi possível devido ao avanço tecnológico, que trouxe os aplicativos e o computador



para a realidade da sociedade. Um outro reflexo desse processo é que a cada década novos cursos de graduação e pós-graduação são criados nas universidades para atender à demanda do mercado e se adaptar às inovações tecnológicas.

A internet, sem dúvida, operou uma grande revolução no trabalho. Basta pensarmos a nossa própria realidade atual de aulas virtuais e trabalho à distância. Isso seria impensável há algumas décadas! Muitos estudiosos falam em um novo período revolucionário. Se no século XVIII, tivemos a Revolução Industrial, hoje estamos diante da **Revolução da Tecnologia da Informação**. Nessa nova Era da Informação, a concentração de recursos como centros de pesquisa, instituições de educação superior e empresas de tecnologia avançada constitui um grande diferencial. Foi o que aconteceu com a consolidação do Vale do Silício nos anos 1970 (polo de concentração de alta tecnologia nos EUA).

Alguns autores como Manuel Castells defendem que, com essa revolução, nós entramos em uma nova etapa do capitalismo, o **Capitalismo informacional**. Este seria marcado pelo desenvolvimento de áreas ligadas à genética, robótica, informática, telecomunicações e eletrônica. Nesse sistema, o conhecimento, além de ser de extrema importância, se movimenta e se multiplica rapidamente em diferentes partes do mundo.

Esse contexto fez surgir novas profissões que buscam lidar com esse volume excepcional de informações, como o cientista de dados e o analista de dados. O papel desses profissionais é justamente extrair, categorizar e analisar esse grande número de dados gerados, o que é também fundamental para combater os novos desafios do nosso tempo: a multiplicação da desinformação e das fake news.

“Hoje, século XXI, estamos em plena transformação social – potencializado dessa vez, certamente, pela Internet. E as lógicas de existência e trabalho, óbvio, se moldam a essa nova fase do capitalismo. Pode-se chamar de Capitalismo digital, informacional ou comunicacional (a depender da linha teórica à sua escolha, de Dominique Wolton, Ramon Zallo, Dan Schiller, Manuel Castells entre outros), mas o fato é que estamos em um movimento de deixar para trás o capitalismo industrial e financeiro rumo a outra fase do sistema. Esta nova fase, em vez de ser dominado por fábricas e bancos – ainda que estes não percam seu poder e sua parte na oligarquia internacional –, será dominada pelas empresas de comunicação, telecomunicação, aplicativos, redes sociais e tecnologia – ou seja, tudo o que trabalha com produção simbólica e construção de sentidos. E essas novas forças têm seus interesses específicos no que diz respeito ao trabalho, tentando virtualizá-lo e flexibilizá-lo ao máximo, inclusive como forma de legitimar o descarte daquela força de trabalho, quando necessário ao funcionamento da empresa.”

Fonte: CHEVALIER, Henri. Coronavírus e mundo do trabalho em tempos de capitalismo informacional. Disponível em <http://observatoriodh.com.br/?p=1138>. Acesso em 10 fev. 2021. [Grifo nosso]

Para refletir!

“Inteligência Artificial”. Filme de 2001 que aborda as questões éticas entre a inteligência artificial e os seres humanos. Uma das principais obras do cinema, dirigido e produzido por Steven Spielberg.

- ✉ contato@biologiatotal.com.br
- 📺 [/biologiajubulut](#)
- 📷 [Biologia Total com Prof. Jubilut](#)
- 📘 [@biologiatotaloficial](#)
- 🐦 [@Prof_jubilut](#)
- 📌 [biologiajubulut](#)

